

“



🧐 Ana Flávia Tavares de Melo

Professora de Educação Física na Secretaria Municipal de Educação de Goiânia-GO. Graduada em Educação Física pela Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia de Goiás, mestra em Educação pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e doutoranda na linha de pesquisa em Cultura e Processos Educacionais da Faculdade de Educação da UFG. Contato: prof.anaflavia@gmail.com

Resumo: Este texto relata parte do Projeto Consciência Negra, realizado nas aulas de Educação Física na Educação Infantil de uma escola da rede pública de ensino de Goiânia-GO. O objetivo geral foi possibilitar a vivência e a experiência com elementos da cultura africana e brasileira, bem como com a literatura de autoria de pessoas negras. Para isso, buscou-se refletir sobre o “lápiz cor de pele” e a diversidade de tonalidades de pele. Neste trabalho, é apresentado de forma detalhada uma das atividades envolvendo o livro da autora bell hooks intitulado “A pele que eu tenho” que fomentou diálogos sobre a diversidade de tons de pele e sobre as diferenças.

Palavras-chave:

[illegible]

Abstract: This text reports part of the Black Consciousness Project, carried out in Physical Education classes in Early Childhood Education of a public school in Goiânia-GO, Brazil. The general objective was to enable the experience with elements of African and Brazilian culture, as well as with literature authored by black people. To this end, we sought to reflect on the “skin-colored pencil” and the diversity of skin tones. In this work, one of the activities involving the book by the author bell hooks entitled The skin I have is presented in detail, which fostered dialogues about the diversity of skin tones and differences.

Keywords: Early Childhood Education. Black Consciousness. Physical Education.

Introdução

O Projeto Consciência Negra realizado inicialmente na Educação Infantil surgiu a partir de uma aula sobre o esquema corporal durante a aula de Educação Física, na qual as crianças completam a silhueta de um corpo de acordo com a visão que possuem do próprio corpo. Durante a realização da atividade, ouvi crianças do agrupamento de 4 e 5 anos de idade pedindo um tal “lápis cor de pele”, e então eu perguntei: - Que lápis é esse? E a resposta me provocou um impacto, pois o lápis que estava na mão de algumas crianças me mostrando qual era o lápis possuía uma cor rosa clara. Quando questionei o motivo de chamarem aquele lápis daquela cor de “cor de pele”, uma parcela significativa da turma respondeu que conheceram esse lápis por esse nome, porque estava nos desenhos apresentados pela professora pedagoga e os vinculados às mídias.

Outro aspecto relevante para a elaboração do Projeto Consciência Negra foi durante o momento de lanche das crianças em que, na tentativa de incentivar uma criança negra a comer as verduras, eu disse: “– come as verduras e a salada para você crescer forte e bonita”! E a criança com seus 4 anos de idade me responde: “– É professora, mas minha cor não vai mudar”. Essas palavras entraram como uma navalha afiada na minha consciência. Foi possível perceber a que nível estava o racismo estrutural presente na sociedade e como já estava arraigado nas consciências e nos corpos tão pequeninos.

O projeto é relevante e se justifica no ambiente escola, pois de acordo com Hooks, (2013),

A sala de aula continua sendo o espaço que oferece as possibilidades mais radicais na academia. Há anos é um lugar onde a educação é solapada tanto pelos professores quanto pelos alunos, que buscam todos usá-la como plataforma para seus interesses oportunistas em vez de fazer dela um lugar de aprendizado. Com estes ensaios, como minha voz ao apelo coletivo pela renovação e pelo rejuvenescimento de nossas práticas de ensino. (HOOKS, 2013, p.23)

Podemos notar neste excerto da introdução do livro intitulado “*Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*” também de autoria de bell hooks, que a autora nos convoca a refletir sobre nossas práticas pedagógicas e isso inclui repensar sobre as escolhas de livros e temas pois é na sala de aula, ou seja, no chão da escola, que está o potencial para fomentar discussões que promovam uma emancipação dos sujeitos.

A autora Carneiro (2011) no prefácio de seu livro citou a fala do então deputado federal Abdias do Nascimento em 1984:

A maneira perversa de o racismo brasileiro tornar invisível e inaudível uma população de cerca de 80 milhões de brasileiros é um fenômeno notável no mundo contemporâneo. Os interesses do povo afro-brasileiro são escamoteados em um passe de magia branca pelos meios de comunicação de massa, e a impressão superficial que se tem da sociedade brasileira é a de que, em matéria de convívio interétnico, o Brasil vive no melhor dos mundos.[...] aos assuntos sérios enfrentados pela família negra não são concedidos quaisquer espaços para sua exposição ou debate. Meus pronunciamentos e projetos de lei que tratam

desses problemas, consistentemente bloqueados pela muralha de silêncio, jamais têm a oportunidade de chegar até o público neles interessado (NASCIMENTO, *apud* CARNEIRO, 2011, p. 09).

Neste sentido, Abdias Nascimento na década de 80 já havia denunciado sobre o silenciamento da população negra. Isso está presente nos currículos e no cotidiano escolar quando não tem espaço para a cultura afro-brasileira nos painéis da escola. Consequentemente, a criança não se sente pertencente àquele lugar, pois dificilmente vai aparecer nos painéis, na literatura ou ter suas raízes culturais enaltecidas em qualquer evento escolar. Isso significa que ainda permanece o silenciamento da população negra principalmente no lugar onde deveria ser fomentado e valorizado: a escola.

Destaca-se que, historicamente na escola, a história contada privilegia o lado dominante e, portanto, tem a pele branca, cabelos loiros e lisos. Sendo assim, as vozes negras que foram as protagonistas no Brasil foram sendo silenciadas. Assim, “prevalece à visão monocultural do homem branco, classe média, urbano, cristão e heterossexual” (FRANCESCHINI, *et al.*, 2018, p. 02), ou seja, os currículos são elaborados para atender a um público específico. Sabendo disso, é nosso dever enquanto docentes atuantes na Educação Infantil ou em qualquer um dos níveis de Educação Básica buscar realizar atividades que provoquem, mesmo que a longo prazo, uma mudança significativa no cenário escolar.

Neste patamar, tornou-se imprescindível pensar sobre uma ação educativa de intervenção para que as crianças se identificassem como pessoas negras, sentissem orgulho e percebessem a sua importância na sociedade. Vale ressaltar que são crianças com idade entre 4 e 5 anos de idade na fase de Educação Infantil em uma instituição escolar pública do estado de Goiás. O projeto acontece ao longo do ano letivo com diversas atividades, incluindo também o contato com a dança maculelê, com a capoeira e outras propostas, e se intensifica no período próximo ao dia 20 de novembro, Dia da Consciência Negra, para marcar de forma singela esse dia.

Deste modo, o Projeto Consciência Negra foi elaborado pensando nas possibilidades de explorar essa temática no âmbito da cultura corporal e de acordo com a proposta da Base Nacional de Comum Curricular, BNCC, para a Educação Infantil

“Foi possível perceber a que nível estava o racismo estrutural presente na sociedade e como já estava arraigado nas consciências e nos corpos tão pequeninos.”

(BRASIL, 2018). É válido ponderar que neste documento existem poucas nuances que tangenciam, especificamente, a Educação Física. E ainda, nos Centros Municipais de Educação Infantil (CMEI's) de Goiânia-GO não há atuação de docentes de Educação Física, somente quando existem turmas de Educação Infantil dos agrupamentos de 4 e 5 anos de idade na escola regular.

A Lei 10.639 de 2003, que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”:

Art. 1º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

“Art. 26-A. **Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares**, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.” (BRASIL, 2003, grifo nosso)

Nota-se que a Lei nº 10.639 é nítida quando pontua sobre a obrigatoriedade da temática ser para o ensino fundamental e médio, isso é relevante pois significa dizer que a Educação Infantil

não foi considerada para se trabalhar a temática “História e Cultura Afro-brasileira”. Devemos refletir sobre as razões de um tema importante na formação dos sujeitos não ser obrigatório nesta fase da Educação Básica. Isso não impede que o tema seja trabalhado, entretanto, percebe-se que historicamente não foi tratado da forma que deveria e a não obrigatoriedade coloca o tema em um lugar de menor relevância, pois, desta forma, torna-se facultativo e pode fomentar discussões acerca da necessidade de ensinar este tema na Educação Infantil.

O fato de ter que existir uma Lei que torna obrigatório o ensino de um tema desta magnitude já revela o suficiente para nos fazer refletir sobre a quem pode interessar manter essa temática oculta e silenciada. Pois, aparentemente, não seria interessante desvelar a história e cultura afro-brasileira na escola e evidenciar o outro lado da história não contada. A referida lei é relevante e por isso deveria tornar obrigatório o ensino deste tema também para a Educação Infantil, já que também na BNCC (BRASIL, 2018) é apenas sugestão trabalhar a temática. Só é possível garantir o ensino desta temática a partir da obrigatoriedade e, adicionalmente, deveria ser garantido que o tema fosse trabalhado sob a ótica de autoras negras e autores negros.

Desta forma, o projeto teve como objetivo possibilitar a vivência e a experiência com elementos da cultura africana e brasileira, bem como com a literatura de autoria de pessoas negras. Para isso, buscou-se refletir sobre o “lápis cor de pele” e a diversidade de tonalidades de pele. Este relato apresenta o que é o Projeto Consciência Negra, realizado com as crianças das turmas de Educação Infantil de uma escola pública. Aqui, foi enfatizada a atividade com o livro de bell hooks *A pele que eu tenho* e os resultados desta intervenção.

Metodologia

O Projeto Consciência Negra foi elaborado de acordo com os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018) e fundamentado nos “campos

¹ Nascida em 25 de setembro de 1952, na cidade de Hopkinsville, Kentucky, Estados Unidos, Gloria Jean Watkins, mais conhecida como bell hooks, foi escritora, educadora, feminista e ativista social, o que quer dizer que sempre lutou por um mundo mais justo. Escolheu escrever seu nome – uma homenagem à bisavó, Bell Blair Hooks – com as letras minúsculas para enfatizar o conteúdo de seus livros, não quem os escreveu. Autora de muitas obras, entre elas cinco infantis, tratou de questões como raça classe e gênero na educação, na história da sexualidade e do feminismo e na cultura em geral. Quando criança, frequentou uma escola que separava estudantes brancos de negros. Mais tarde, tornou-se admiradora do educador e filósofo brasileiro Paulo Freire. bell hooks defendia que meninos e meninas são diferentes, mas não desiguais; que a cor da pele não diz inteiramente quem somos; e que o feminismo e o antirracismo são para todo mundo. Morreu em 15 de dezembro de 2021, em sua casa. Rodeada de familiares e amigos. (RIZZLI apud HOOKS, 2022)

de experiências” *O eu, o outro e o nós* e *Corpo, gestos e movimentos* (Quadro 1).

Foi ponderado que, para que o Projeto seja aceito pela coordenação pedagógica e para poder ser colocado em prática de fato, é necessário ser vinculado ao documento oficial, acima citado, que baseia as ações educativas na escola. Este campo de experiência é o mais próximo dos elementos da cultura corporal de movimento conectado à Educação Física. Ressaltamos que não citamos a Lei 10.639/2003 porque esta não cita a obrigatoriedade para a Educação Infantil e tampouco quais temas a serem trabalhados nesta fase. Isso revela que a Educação Infantil, aparentemente não é contemplada em nenhuma.

As atividades propostas neste Projeto ocorreram durante as aulas de Educação Física com as crianças das turmas de Educação Infantil de uma escola pública do estado de Goiás. A etapa aqui descrita aconteceu entre outubro e novembro de 2023.

Lápis cor de pele X “A pele que eu tenho...”

“A pele que eu tenho é só uma camada, não fala completamente de onde eu venho!” (bell hooks)

No subtítulo e na epígrafe deste trabalho foi utilizado trecho do livro intitulado *A pele que eu tenho* da autora bell hooks¹, obra que foi escolhida para iniciar o Projeto Consciência Negra. A seleção aconteceu junto com a coordenação pedagógica e um dos critérios era ser um livro de autoria de uma mulher negra e o outro critério era que fosse uma linguagem de fácil compreensão pela faixa etária da Educação Infantil e que fomentasse o diálogo sobre a diversidade de tons de pele e para explicar o equívoco em denominar o lápis rosa claro de “cor de pele”.

A temática do projeto foi abordada tanto na turma de 4 anos quanto na turma de 5 anos de idade, nos seus respectivos horários das aulas

Campos de experiência	Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento (4 anos a 5 anos e 11 meses)
Corpo, gestos e movimentos	(EI03CG01) Criar com o corpo formas diversificadas de expressão de sentimentos, sensações e emoções, tanto nas situações do cotidiano quanto em brincadeiras, dança, teatro, música.
	(EI03CG02) Demonstrar controle e adequação do uso de seu corpo em brincadeiras e jogos, escuta e reconto de histórias, atividades artísticas, entre outras possibilidades.
	(EI03CG03) Criar movimentos, gestos, olhares e mímicas em brincadeiras, jogos e atividades artísticas como dança, teatro e música.
	(EI03CG04) Adotar hábitos de autocuidado relacionados a higiene, alimentação, conforto e aparência.
	(EI03CG05) Coordenar suas habilidades manuais no atendimento adequado a seus interesses e necessidades em situações diversas.
O eu, o outro e o nós	(EI03EO01) Demonstrar empatia pelos outros, percebendo que as pessoas têm diferentes sentimentos, necessidades e maneiras de pensar e agir.
	(EI03EO02) Agir de maneira independente, com confiança em suas capacidades, reconhecendo suas conquistas e limitações.
	(EI03EO03) Ampliar as relações interpessoais, desenvolvendo atitudes de participação e cooperação.
	(EI03EO04) Comunicar suas ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos.
	(EI03EO05) Demonstrar valorização das características de seu corpo e respeitar as características dos outros (crianças e adultos) com os quais convive.
	(EI03EO06) Manifestar interesse e respeito por diferentes culturas e modos de vida.
	(EI03EO07) Usar estratégias pautadas no respeito mútuo para lidar com conflitos nas interações com crianças e adultos.

Quadro 1 – Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento para crianças de 4 anos a 5 anos e 11 meses nos campos de experiência Corpo, gestos e movimentos e O eu, o outro e o nós.
Fonte: adaptado de Brasil (2018).

de Educação Física. Além da leitura e diálogo sobre o livro *A pele que eu tenho*, as crianças receberam uma folha com uma silhueta corporal impressa, para que pudessem realizar o contorno e preenchimento utilizando o giz de cera de cada criança deveria selecionar o giz de cera que mais se aproximava de seu tom de pele. E, para tanto, as crianças deveriam colocar o lápis próximo do antebraço para observar e comparar o próprio tom de pele. Após essa seleção é que as crianças poderiam iniciar a atividade (Figura 2).

Deste modo, ao finalizar o preenchimento com giz de cera também deveriam completar o desenho com suas próprias características físicas: tipo e cor dos cabelos, nariz, olhos, boca e vestimentas. É válido salientar que esse trabalho de consciência corporal, de identificar partes do corpo já estava acontecendo desde o início do ano letivo por meio de jogos, brincadeiras e brinquedos cantados. Para que essa atividade lograsse êxito, as crianças tiveram um contato anterior com atividades que permitissem perceber o próprio corpo.

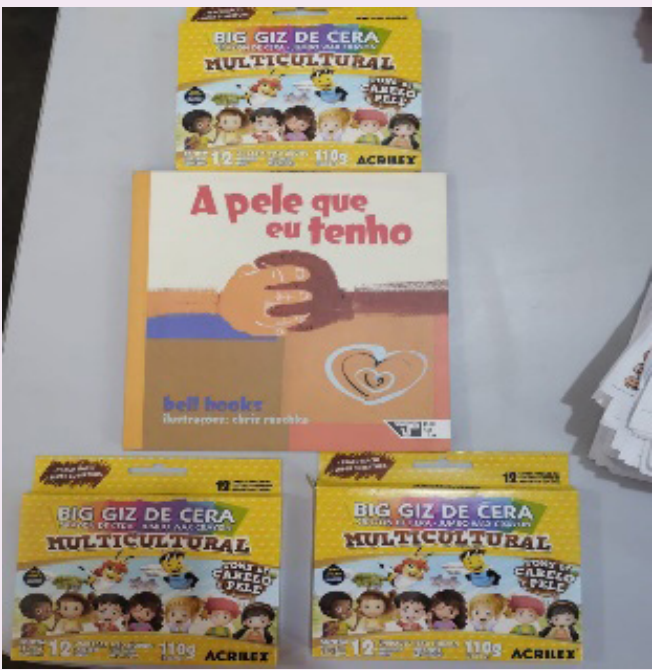


Figura 1 – Fotografia do Livro *A pele que eu tenho* e as caixas de giz de cera multicultural.
Fonte: autora.

Resultados e discussão

Nesta aurora, as crianças se sentaram em círculo para a apresentação do Projeto Consciência Negra em uma linguagem simples e a explicação da primeira atividade que consistia na leitura do livro da autora bell hooks e simultaneamente mostrando as ilustrações do livro para as crianças. Durante a leitura do livro de bell hooks intitulado *A pele que eu tenho* na roda de conversa, as crianças foram tecendo comentários sobre o texto e sobre as ilustrações. Ao final da leitura, foi realizado um diálogo com as crianças sobre o que compreenderam. De forma geral, as crianças apresentaram uma compreensão significativa da leitura e fizeram alguns relatos de suas respectivas famílias e a diversidade de tons de pele. Na turma de 4 anos houve pontuações significativas das crianças quanto ao tom de pele dos responsáveis como por exemplo a fala a seguir: “Pessensora, por isso que meu pai é marrom e minha mãe é branca e eu sou assim [falou mostrando o braço], cor de café com leite”.

Neste sentido, na segunda parte da atividade, quando as crianças utilizaram a caixa de giz de cera multicultural, demonstraram surpresa e empolgação na hora de selecionar o giz que representava

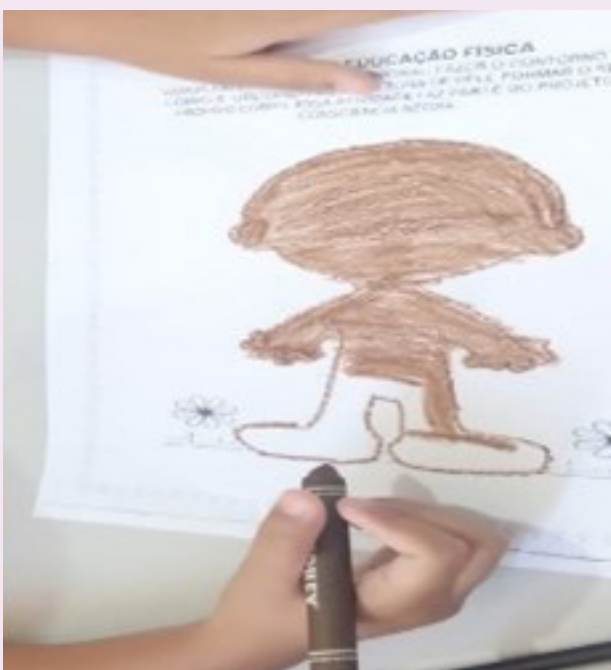


Figura 2 – Fotografia de uma criança da turma de Educação Infantil do agrupamento de 4 anos preenchendo a silhueta do corpo com o giz de cera multicultural.
Fonte: autora.

seu tom de pele. Isso ficou evidente quando encontrava o giz de cera e dizia: “– Olha professora, é a minha cor” (criança 1).

Outro ponto relevante, foi sobre o tipo de cabelo que deveriam fazer de acordo com o tipo dos próprios cabelos, no entanto, uma parcela significativa de meninas almejavam fazer os cabelos lisos e loiros na atividade. Deste modo, podemos notar a relevância da representatividade para as crianças, pois na escola historicamente as crianças dos painéis não representam de fato o público que frequenta a escola, que é predominantemente de crianças negras. Nesta configuração, a criança não se sente parte integrante da comunidade escolar, falta o sentimento de pertencimento àquele local e incuti na mente da criança qual é o padrão de beleza esperado, já que os personagens que “enfeitam” a escola são rosados dos cabelos lisos e loiros com olhos azuis, traços europeus.

Neste patamar, é válido pontuar que o Projeto Consciência Negra já é transgressor desde o momento que foi pensado e rascunhado, já que na BNCC não trata de elementos da cultura afro-brasileira com ênfase e destinada à Educação Infantil e também não há o amparo da Lei 10.639/2003, a qual discorre sobre a obrigatoriedade do ensino da História e cultura afro-brasileira na escola, entretanto, nas fases do ensino fundamental e médio, ou seja, desconsiderando ser relevante ao ponto de ser obrigatório na fase de Educação Infantil. A obrigatoriedade de um tema já é um ponto a ser considerado para reflexão, ter uma Lei que obriga docentes a mediar um conhecimento significativo como este é refletir o quanto ainda precisamos avançar nesta discussão.

Outro aspecto relevante nessa discussão é que o projeto foi elaborado e executado pela Educação Física que não consta nem na BNCC e tampouco na Lei 10.639/2003 como responsável em trabalhar essa temática. Portanto, ousamos dizer que essa intervenção pedagógica foi válida desde a sua escrita até a sua execução e desvelou uma realidade que tende a ser ocultada, historicamente.

Este projeto aconteceu no ano de 2023 e neste ano de 2024 a Educação Física foi totalmente retirada da Educação Infantil, com a publicação do documento da Secretaria Municipal de Educação “Orientações para modulação dos profissionais da rede municipal de educação de Goiânia para 2024”, sem nenhuma justificativa plausível para tal ato. Isso

significa que não será possível dar continuidade ao projeto com as turmas de Educação Infantil dentro das aulas de Educação Física no âmbito da cultura corporal de movimento. O que nos possibilita fomentar discussões acerca das razões que resultaram nesta ação, e a quem interessa essa retirada da Educação Física.

Considerações finais

“Quando somos ensinados que a segurança está na semelhança, qualquer tipo de diferença parece uma ameaça” (bell hooks)

O Projeto Consciência Negra possibilitou um espaço para fomentar discussões sobre os tons de pele e explicar para as crianças dos agrupamentos da Educação Infantil de 4 e 5 anos de idade os motivos de ser um equívoco o lápis rosa claro ser chamado de “cor de pele” de forma simples e em uma linguagem adequada a faixa etária deles. Neste mesmo espaço foi possível perceber por meio da escuta atenta dos relatos das crianças como já sentem os mecanismos do racismo estrutural presente na sociedade brasileira. Possibilitar às crianças atividades e diálogos que possam incutir em suas consciências o pertencimento a uma cultura promove o sentimento de que são protagonistas nesse espaço e precisam assumir essa posição, nutrindo o orgulho pela história e cultura da população negra desde criança.

A autora bell hooks contribuiu de forma singular por meio da obra trabalhada *A pele que eu tenho* pois, possui uma linguagem de fácil compreensão para as crianças na fase da Educação Infantil. Para além de compreender que existem variados tons de pele no mundo, as crianças tiveram contato com a possibilidade de se reconhecer como pertencentes de um lugar, pois historicamente as paredes da escola representam uma visão eurocêntrica de beleza e de cultura. Assim, quando as crianças podem usar um lápis que representa seu tom de pele, e podem ver nas imagens dos livros a representação de seu tom de pele, faz essa criança notar que é parte importante e deve ser enaltecida.

Enfim, essas são considerações acerca do Projeto Consciência Negra, mas que ainda estão distantes de ser finais, isso é apenas o início de um

trabalho necessário ser realizado com intensidade em mais espaços escolares e com mais espaço e tempo. Pois, é na área da educação e no ambiente escolar que temos a possibilidade de promover ao longo de um longo processo, uma emancipação do sujeito.

Como corrobora bell hooks (2013) quando afirma fundamentada na leitura de Paulo Freire que “[...] a educação só pode ser libertadora quando todos tomam posse do conhecimento como se este fosse uma plantação em que todos temos de trabalhar” (HOOKS, 2013, p. 26). Neste sentido, é um trabalho coletivo e histórico que pode a longo prazo provocar a mudança da realidade complexa e contraditória em que o sujeito está inserido. E para que possamos conseguir chegar ao nível de nenhuma criança querer mudar a cor da sua pele. 😊

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional de Comum Curricular** - BNCC. 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 19 nov. 2023.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 9 jan. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 23 fev. 2024.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2011. 192 p.

FRANCESCHINI, Luciene; SILVA, Marta Regina Paulo da; MARQUES, Renata Fernandes Borrozzino. “Me empresta o lápis cor da pele?”. “pele de quem?": decolonizando currículos na educação infantil. **Revista Cocar**, v. 11, n. 22, p. 502–521, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/1618>. Acesso em: 23 fev. 2024.

HOOKS, Bell. **A pele que eu tenho**. Ilustração Chris Raschka. Tradução Nina Rizzi. 1ª. Ed. São Paulo: Boitatá, 2022.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade / bell hooks. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013. ISBN 978-857827-703-1. Disponível em https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/bell_hooks_-_Ensinando_a_Transgredir_1.pdf. Acesso em: 19 nov. 2023.

